

**A COSMOGRAPHIA DE CLAUDIUS PTOLOMAEUS:
UM MANANCIAL DE CONHECIMENTOS DOADO PELO
IMPERADOR D. PEDRO II À
BIBLIOTECA NACIONAL**

Lívia Lindóia Paes Barreto¹

RESUMO: A *Geographia* de Claudius Ptolomaeus é uma obra multifacetada e de caráter peculiar: o texto compõe-se quase totalmente de topônimos (8.000), mas as idéias aí expressas são de tal forma importantes que, embora escrita no século II d.C., em um momento de virada de século (anos de 1472/1475) ela é republicada em latim, língua de cultura naquele momento. Seleccionamos dois recortes para estudá-la: 1. O caminho percorrido desde a primeira publicação até o início da Idade Média, sua sobrevivência sustentada pelas idéias inovadoras na elaboração de mapas, idéias que são a fonte dos grandes questionamentos sobre o espaço geográfico, no momento dos grandes descobrimentos. Escrita em Alexandria, cidade do Egito romanizado, a *Geographia* despertou a atenção dos árabes, no século IX e, no início do século XV (1406), traduzida para o latim, apresenta-se, na Europa, em códice manuscrito. Neste mesmo século são feitas numerosas cópias manuscritas, ainda conservadas e, no último quartel do século (1472/1475), são publicadas as primeiras edições em versão incunábula, todas em latim. 2. Comentários lingüísticos e análise das características do exemplar da edição de 1486, do acervo da Imperatriz D. Thereza Christina Maria e doado pelo Imperador D. Pedro II à Biblioteca Nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia; Renascimento; descobrimento; língua latina.

ABSTRACT: The *Geographia*, by Claudius Ptolomaeus, an amount of knowledge donated by the emperor D. Pedro II to the National Library, constitutes a multiple work of a peculiar feature: the text is almost totally composed of toponyms (8.000) but the ideas expressed are so important that although being written in the II Century B. C., thus near the turn of the century (1472-1475), it is republished in Latin, considered the language of culture at that moment. Two aspects were chosen to be studied here: the life of the work since its first publication, up to the beginning of the Middle Ages, its survival supported by the innovating ideas in the elaboration of maps, which are the source of great questionings about the geographic space in the period of the great discoveries. Written in Alexandria, in Roman Egypt, the *Geographia* called the Arab's attention, in the IX Century, and in the beginning of the XV (1406), translated into Latin, it is presented in Europe as codex manuscript. In this century a number of handwritten copies were made and they are still preserved. In the last quarter of the century (1472/1475) the first editions in closed version were published, all in Latin. 2. Linguistic commentaries and analysis of the characteristics of the 1486 edition, of the collection of Empress Thereza Christina Maria, donated by the emperor D. Pedro II to the National Library.

KEY WORDS: Geography; Renaissance; discovery; Latin language.

¹ Professora Doutora do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O presente artigo é fruto da pesquisa que realizamos no GT/CNPq “O texto literário latino: abordagens lingüísticas, históricas e literárias” com o apoio do Centro de Referência e Difusão e da Área de Cartografia da Biblioteca Nacional, com vistas à tradução inédita para o português da versão latina (1486) da *Geographia*² de Claudius Ptolomaeus. O objetivo do trabalho é tecer alguns comentários sobre essa obra rara, de importância capital para as diversas áreas de estudos, doada em 1891, à Biblioteca Nacional, pelo Imperador D. Pedro II, com o desejo expresso de que fosse conservado o nome da Imperatriz. A obra faz parte da Coleção D. Thereza Christina Maria, composta de 48.236 volumes. Uma doação desta natureza denota não só o nível cultural da Corte bem como a preocupação do Imperador com o desenvolvimento da cultura no Brasil.

Atualmente, a *Geographia* de Ptolomeu apresenta-se em oito livros, com a seguinte distribuição de assuntos: do livro I até o livro II, 1 – exposição preliminar dos princípios teóricos, definições e métodos para a execução da projeção plana do mapa do *oekoumene* (a parte habitada da terra); do livro II, 2 até o livro VII,1,13 – encontramos uma lista de aproximadamente 8.000 topônimos, com a indicação das longitudes e latitudes; no livro VII, 5,2 – o autor faz novas considerações a respeito da construção do mapa do mundo e dos mapas regionais, além da descrição da esfera que representa a disposição e o movimento dos corpos celestes ou “esfera armilar”; no livro VIII, Ptolomeu estabelece regras para a elaboração de um Atlas geográfico. No conjunto da obra, em especial no livro VIII, o autor aponta novos caminhos para outros estudos e para a elaboração dos diversos mapas publicados *a posteriori*. Discutir a questão da autenticidade do livro VIII, que tem gerado alguns questionamentos, não está no plano deste artigo. Reservamos esta discussão para outras oportunidades.

O desenrolar dos nossos estudos pelos caminhos do latim medieval levou-nos a esse texto que, escrito em grego durante o século II d.C., apresenta-se em tradução latina (em códice manuscrito de 1406) e surge como oportunidade outra para aprofundamento dos estudos em língua latina. Tais estudos têm-se projetado não só no terreno lingüístico, mas ainda naquele da cultura renascentista que começa a refletir-se nas obras escritas em latim.

O contato com a edição incunábula de 1486, impressa em Ulm, permitiu-nos observar diversas particularidades no latim aí utilizado, como por exemplo, o uso da língua latina ao modo clássico, embora essa língua já tenha apresentado aspectos sinalizadores de transformações lingüísticas. Traduzir uma teoria ou mesmo uma forma de pensar, nos anos de 1400, em latim *vergiliano*, não é uma anacronia, mas um convite a pensar nesta versão da *Geographia* de Ptolomeu como um instrumento que se abre em múltiplas aplicações: para os geógrafos, para os estudiosos de línguas clássicas e românicas, para os historiadores que queiram pensar o espaço como visão de mundo, para aqueles que estudam o homem e sua relação com o espaço em que vivem ou ainda para os interessados em artes e outras ciências em geral. Atendendo a este convite estamos elaborando uma tradução inédita para o português, acrescida de comentários, compondo um estudo apurado desta obra que, por sua própria sobrevivência, tem desempenhado um papel importante na história do pensamento dos homens. Acrescentamos que todas as citações latinas foram

² O Exemplar da obra de Ptolomeu com que trabalhamos, parte integrante da Coleção D. Thereza Christina Maria, compõe o acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, e apresenta o título *Cosmographia*. A existência dessa variante de título será objeto de comentários no desenvolvimento do artigo.

retiradas da edição de 1486, fonte e objeto do nosso trabalho, apesar de em virtude das mutilações no texto, algumas vezes termos tido necessidade de confrontá-lo com o texto da edição de 1513, também do acervo da Biblioteca Nacional.

1. A *Geographia*: sua importância, seu percurso no tempo e sua sobrevivência

Escrita no século II d.C., a obra geográfica de Ptolomeu traz embutida toda a tradição erudita do período alexandrino; seu autor, além de geógrafo, “é também astrônomo, matemático, físico; escreveu tratados no domínio da ótica, da teoria da harmonia e da cronologia” (JACOB, s/d, p. 126). Em suma, compondo obras de cunho científico, ele caminhou pelos diversos campos do conhecimento, fato comum em tempos de saber enciclopédico, bem explicitada nesta passagem de *Vitruvius*, escritor latino do século I a.C., quando apresenta o que é essencial para um arquiteto: “(ele) deve ser instruído em geometria e não ser ignorante de ótica, ter aprendido aritmética e saber muito história, ter estudado bem filosofia, ter conhecimento de música, e alguma noção de medicina, de jurisprudência e de astrologia” (*Vitruvius, De architectura*, I, 1 apud AUJAC, p. 5). Os estudos de Ptolomeu voltados especificamente para a ciência geográfica renderam-lhe ainda outras obras famosas como a *Sintaxe Matemática* e o *Almagesto* no qual desenvolve estudos sobre geografia astrológica. Assim, afirmamos que o nosso autor é um homem de ciência e também um homem testemunho do seu tempo. O fato de não se ter conhecimento da existência, nesse período, ou mesmo depois dele, de nenhuma outra obra que tome por objeto de estudos o mundo conhecido de então, faz de Ptolomeu com a sua *Geographia*, o limite final da tradição geográfica alexandrina e ao mesmo tempo o início de uma nova tradição na elaboração dos mapas. Segundo Tooley (1949), a herança da antiga tradição científica, de mais de oito séculos, adquirida pelo autor deve-se à facilidade de acesso à famosa Biblioteca de Alexandria, onde ele pôde consultar os trabalhos de Eratóstenes (400 anos antes), Péricles (600 anos) e Anaximandro de Mileto (mais ou menos 700 anos) e deve-se ainda aos contatos que o sábio travou com os comerciantes e viajantes da época. Ao assimilar todo esse conhecimento, Ptolomeu “teve o cuidado de apresentar, em cada domínio abordado, um resumo crítico dos conhecimentos já bem estabelecidos antes de aí acrescentar a sua contribuição” (AUJAC, 1993, p. 7). A finalidade dessa metodologia de trabalho era fazer uma revisão daquilo que o autor considerava como pontos fracos ou mal explorados e até mesmo corrigir o que considerava errado, de acordo com a sua afirmativa:

“Marynus igitur tyrii tempestatis nostre cosmographorum postremus summo videtur studio huic materie se intulisse. Nam plura explorauisse: cognoscitur praeterea quae hactenus nota fuerant. Deinde omnium ferme historicorum quae eum peruenerant noticia diligentissime habita: non tantum quaecumque ab aliis errata fuerant emendauit: sed etiam illa que ipse idem male tractauerat quemadmodum in editionibus pictae suae cosmographie: que quae multa elimant licet aiadutere. Sed si inspiceremus ultimo eius operi nihil deesse satis et nobis foret: ex istis eius tantum comentariis absque aliorum investigationem habitabilem nostra describere. Verum

cum ipse videatur quibusdam aiaduersione haud satis fidei digna assentiri. Preterea circa modum designationis noscatur sepius neque oportune facilitatis debitam curam agere non indigne moti sumus uti ad ratione usumque indigne moti sumus: uti ad ratione usumque putauimus fore comodius operi conferre et uiro”. (*Geografia*. I, 6, 1-2) ³

Assim em relação à tradição da ciência alexandrina, a questão está clara, porém, no que diz respeito à nova tradição, a questão é mais complicada em razão da falta de uma edição crítica e de maiores dados a respeito do trajeto dos manuscritos e dos mapas ptolomaicos até o final da Idade Média, o que permite presumir-se a possibilidade de modificações com o decorrer do tempo. Os textos manuscritos gregos de que dispomos hoje, acompanhados de mapas, são todos datados do período bizantino, reencontrados entre o final do século XII e início do XIII pelo erudito *Maximus Planudius* que, em Bizâncio, dedicou-se aos estudos científicos e à busca dos textos antigos. O mais antigo manuscrito ptolomaico é datado do século XII/XIII e pertence a um conjunto de outros manuscritos da antiga produção literária helênica conservados no Mosteiro de Vatopedi, no Monte Athos (um dos locais principais da Igreja Ortodoxa, isolado em uma península do Mar Egeu). Junto a esses documentos literários gregos, estavam obras ascéticas, teológicas, litúrgicas além de outros escritos. Com a ocupação da região pelos turcos, uma grande parte deles foi destruída, restando, no entanto, algumas obras importantes. Entre os manuscritos que escaparam está o que contém a *Geographia* de Ptolomeu e a de Estrabão. A seção de *Cartographia* da Biblioteca Nacional possui uma cópia em *fac-simile* desse manuscrito, editada por Didot, em 1867.

Embora com mutilações, o manuscrito da *Geographia*, por sua antiguidade, é um documento importante. Segundo o helenista M. Fr. Dübner, “pela forma dos caracteres gregos e outros indícios paleográficos, a transcrição pode ser datada, aproximadamente, do ano 1200, ou seja, final do século XII ou começo do século XIII” ⁴. Além desse material nada mais existe, entre os séculos II e XIII, que nos elucidem a respeito da produção ptolomaica. Há notícia de que no século IX, em Bizâncio, essa produção despertou interesse dos árabes, especialmente o *Tetrabiblos*, ao qual eles chamaram *al-magisti* = “muito grande”, título depois refeito para *Almagestus*. Segundo o testemunho do historiador árabe Al-Mas-udi, morto em 956, no Oriente, no século X, já circulavam manuscritos da *Geographia* acrescidos de mapas. Foi somente no ano de 1400, graças a Emanuel Chrysoloras, erudito e professor de língua grega, que teve início a primeira e única versão para o latim dessa obra. Após a sua morte Jacopo d’Angelo deu continuidade

³ “Portanto Marino de Tyro parece ser o último, em data, dos nossos cosmógrafos a se entregar com zelo a esta matéria, pois explorou muito mais coisas do que se conhecia antes dele e que não eram conhecidas. Em seguida pesquisou, com muito cuidado, as obras dos seus predecessores e, não só emendou aquelas coisas que os outros erraram, mas também aquelas que ele mesmo tratara de modo incorreto. Mas se tivéssemos percebido que não faltava mais nada a dizer, em sua última obra, bastava-nos partir destes comentários para descrever o esquema do mundo habitado. Na verdade, como lhe pareceu que alguns ensinamentos não eram considerados confiáveis e que muitas vezes ele não concedeu todo o cuidado desejado à comodidade e à coerência, não foi indignamente que fomos movidos a trazer a nossa contribuição à obra para torná-la mais coerente e mais utilizável”. (tradução livre da autora).

⁴ Prefácio do livro sobre o Monte Athos. Indicação bibliográfica: *Géographie de Ptolomée, reproduction photolithographe du manuscrit Grec, du Monastère de Vatopedi au Monte Athos, par M. Pierre de Sévastianoff et précédé d’une (ilegível) historique sur le Mont Athos par Victor Langlois*. Paris, Lib. de Firmin Didot, Frères, Fils et Cie. ,1867. (tradução livre da autora).

ao trabalho do mestre terminando-o em 1406. À tradução Jacopo deu o título de *Cosmographia*, em imitação aos costumes dos autores romanos, e dedicou-a ao Papa Alexandre V (1409-1411). Em 1415, dois italianos, Francesco de Lapacino e Domenico di Leonardo Boninsegni copiam os mapas, latinizando os nomes gregos. Antes deles *Maximus Planudius* já havia recopiado o manuscrito grego acrescido de mapas, seguindo indicações do autor e “mostrou o todo ao imperador Andronico II, *Paleólogo* (1282-1328) que desejou possuir um exemplar da obra. Nasce assim uma linha de manuscritos gregos com 26 mapas regionais” (AUJAC, p. 167), totalizando duas linhas de manuscritos com diferenças entre si e características próprias: a) manuscritos com 26 mapas regionais, à qual pertence o manuscrito do *Vatopedi 655* (atualmente alguns dos fragmentos estão na British Library, em Londres); b) manuscritos com 64 mapas regionais, sendo o mais antigo deles o *Laurentianus XXVIII, 49*, conservado em Florença e datado do século XIV.

Após a descoberta do manuscrito de *Vatopedi 655* e o trabalho de pesquisa de *Planudius*, que provavelmente deu origem às duas linhas de manuscritos gregos, todos elaborados no século XIV, temos no século XV, as primeiras versões manuscritas em latim. Estamos no século do desenvolvimento da navegação, dos grandes descobrimentos e da conseqüente necessidade de um maior conhecimento da arte da cartografia; sem ele não se pode conceber este período que começou, efetivamente, com o genovês Cristóvão Colombo. Neste momento os artistas dedicam-se à elaboração dos mapas, mas para o desenvolvimento desta arte fazia-se necessário o conhecimento de tabelas de coordenadas, meridianos e paralelas. É em Ptolomeu que eles vão buscar a base para os seus estudos: na *Geographia* estavam indicadas as novas técnicas cartográficas para o estabelecimento de coordenadas de tal forma coerentes que a representação gráfica da terra fosse uma imitação perfeita da mesma: “*Cosmographia designatrix imitatio est totius cogniti orbis cum his quae fere universaliter sibi iuguntur*” (*Geographia*. I, 1,1) (vide fig. 2) ⁵. Note-se que Ptolomeu define “geografia” com base no conceito aristotélico de *mimesis* (no texto latino *imitatio*) e, quando faz esta associação com a *mimesis* que é própria da arte, ele vê como arte a ciência geográfica, “este termo designa ao mesmo tempo o processo de representação e o seu resultado, a imagem” (JACOB, p. 128). Com a tradução para o latim, de Jacopo d’Angelo (1406) e a inserção dos mapas com os nomes latinos (1415) começam a surgir na Europa, em especial na Itália, diversas cópias manuscritas dessa tradução. “Na Itália, a Renascença começou na cartografia com a redescoberta da *Geographia* de Ptolomeu, em 1400.” (DREYER-EIMBCKE, 1996). Atualmente são conhecidas cerca de 50 delas, quase todas de origem italiana. As primeiras edições impressas, sem mapas, datam respectivamente de 1472 e 1475 (*in-folio*); em 1477 é publicada, em Bolonha, por Angelus Vadius a primeira edição com mapas. No ano seguinte, 1478, é editada em Roma, por Arnoldus Buckinck, outra edição, *in-folio*, com 27 mapas gravados. De acordo com Germaine Aujac, Cristóvão Colombo possuía um exemplar desta edição, onde pôde saber que:

“o espaço que separava a extremidade central da terra conhecida de sua extremidade oriental valia menos de 180°, e mesmo menos de 135°, se acreditarmos em Marino de Tyro. Foi partindo em busca das

⁵ “A Cosmografia é a imitação de todo o mundo conhecido com aquelas coisas que, no seu conjunto, estão ligadas a ele”. (Tradução livre da autora).

Índias e da China pelo oeste que o célebre genovês descobriu Cuba e o Haiti em 1492, o continente americano em 1498; foi provavelmente animado pela mesma esperança que o português Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil em 1500”. (AUJAC, p. 178).

O ano de 1482 foi rico em publicações da versão latina. Na Europa surgem duas edições, ambas *in-folio*: uma em Florença, elaborada por D. Nicolas Germanus, com 31 mapas, escrita em italiano e outra em Ulm, publicada por Leonardus Hol (primeira edição impressa na Alemanha). Em 1486, também em Ulm, surge uma reedição daquela de 1482, agora preparada por D. Nicolas Germanus. É interessante notar, que o exemplar apresenta uma página de rosto escrita à mão (o que não existe nas edições incunábulas), onde há referência ao organizador da edição, D. Nicolas Germanus: “*Opus Domini Nicolai Germani ad Paulum II Pontif. Maxim.*” (vide fig. 1). Chegamos assim, ao exemplar da *Cosmographia* de Ptolomeu, doada pelo Imperador D. Pedro II à Biblioteca Nacional, atualmente sob a guarda da Área de Cartografia da referida Biblioteca.

2. O exemplar de 1486

Um dos grandes problemas que encontra aquele que se dedica ao estudo e à pesquisa sobre a obra de Ptolomeu “é constituído pela duradoura falta de uma edição crítica da *Geographia*, acrescida de um comentário adequado e ilustrativo.” (IASBEZ, s/d, p. 137). Todas as edições de que dispomos ou são cópias dos manuscritos gregos ou cópias da única versão latina (1406) e todas elas apresentam variações em relação àquele que é considerado o mais antigo manuscrito. Assim, cada uma das edições tem suas características singulares e exige uma análise aprofundada. Destacamos dois aspectos específicos do exemplar de 1486, fonte dos nossos estudos: a influência das idéias renascentistas nos “Apontamentos” que antecedem ao texto ptolomaico e um exemplo de variante lingüística na tradução latina.

a) Influência das idéias renascentistas

Observando cuidadosamente o exemplar, verificamos que ele possui uma página de rosto manuscrita (diferentemente das edições incunábulas) com a indicação do nome do organizador, D. Nicolas Germanus e da pessoa a quem ele dedicou o trabalho: Papa Paulo II: “*Opus Domini Nicolai Germani ad Paulum II Pont. Maxim.*”⁶ (vide fig. 1), e mais ainda, o uso do substantivo *Cosmographia* em substituição ao termo *Geographia*, título original da obra. O fato de a página de rosto vir manuscrita indica que ela é um acréscimo posterior à publicação da obra, mas não há qualquer referência que explique este acréscimo. Além dessas informações, temos, a seguir, o nome do lugar em que a obra foi impressa, quem financiou a publicação e a data de impressão: “*Impressum Ulmae / Opera et expensis / Justi de Albano / De Venetiis / Per provisorem suum Johannem Reiger / Anno Dni. MCCCCLXXXVI*”. Apesar de ser este acréscimo de página de rosto um fato digno de nota, percebemos também que, acompanhando o texto Ptolomaico, segue um registro

⁶ “Obra de D. Nicolas, o Alemão, ao Sumo Pontífice Paulo II” (tradução livre da autora).

alfabético sobre os lugares e coisas maravilhosas do mundo ou “Tratado”, onde D. Nicolas insere o que chamou “*Nota ad inveniendum igitur regiones prouincias: maria: flumina: montes: & ciuitates necnon insularum situs ubi principiunt ubiue finiunt*” (*Geographia*, Folha inicial, s/n) ⁷.

Apresentando o mundo ao leitor sob a régua e o compasso de Ptolomeu e, ao mesmo tempo, guiando-o pelas regiões, províncias, mares, cidades e montes, sempre de acordo com as indicações do Homem de Alexandria, D. Nicolas vai descortinando, no decorrer do seu texto, a cultura renascentista enriquecida pela volta do mundo clássico, ora recoberto por um manto cristão, como na passagem abaixo:

“Cume li 3 ca 1 ta 6 europe. His nascitur septima sibilla que cumana appellata est quae de aduentu cristi: & fide catholica multa dixi sub tarquini prisci ait de cristo Hec teste virgilio: magnus ab integro seclorum nascitur ordo Iam redit et uirgo redeunt saturnia regna Iam noua progenies celo dimittitur alto Tu modo nascenti puero: quo férrea primum Desinet & toto surget gens áurea mundo Casta faue Lucina tuus iam regnat appolo”. (*Geographia*, Nota, letra C) ⁸

onde o autor faz alusões a profecias sobre o nascimento de Cristo e sobre a fé da Igreja Católica por meio dos priscos lábios pagãos da Sibila de Cumas, utilizando-se dos versos do mantuano (*Bucólica* IV, v. 6-10), ora é o avanço do poderio romano sobre a Gália dominada que nos vem à memória, quando D. Nicolas parafraseia César no famoso início do seu *Bellum Gallicum*, ao descrever a divisão do território gaulês. Vejamos o texto de César: “*Gallia est omnis diuisa in partes três, quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam qui ipsorum língua Celtae, nostra Galli appellantur. Gallos ab Aquitanis Garunna flumen diuidit*”. Cés. B.G. I, 1,1-2) ⁹. Passemos agora ao texto de D. Nicolas: “*Garunna flumen celtas ab aquitanis diuidit qui scilicet aquitani consistunt inter illud flumen montesque pyrineos ex quibus oritur & mare oceanum influit*” (*Geographia*, Nota, letra G) ¹⁰. César, Vergílio, e mais adiante, Tácito, Propércio, Pomponius Mella, todos redivivos, em pleno século XV, na pena do erudito.

Quanto à sibila, sabe-se que este é o nome dado à sacerdotisa que pronunciava os oráculos de Apolo; depois o nome Sibila estendeu-se às mulheres que, em virtude dos seus dons proféticos, anunciavam bons ou maus acontecimentos. D. Nicolas, o Alemão, ao

⁷ “Apontamentos para encontrar as regiões, as províncias, os mares, os rios, os montes e as cidades e também os sítios das ilhas, onde começam ou onde acabam” (tradução livre da autora)

⁸ “Cumas, liv. 3, cap. 1, mapa 10 da Europa. Aqui nasce a sétima sibila, que foi chamada cumana e disse muitas coisas sobre o advento de Cristo e a fé católica. No reinado de Tarquínio, sendo Vergílio testemunha, ela diz essas coisas sobre Cristo: “Uma grande ordem recomeça. Já retorna virgem e os reinos de Saturno; já uma nova geração desce do alto céu. Tu, igualmente, casta Lucina, favorece ao jovem que verá desaparecer, pela primeira vez, a idade do ferro e surgir, em todo o mundo, uma geração de ouro: já reina o teu Apolo” (grifo e tradução livre da autora).

⁹ “Toda a Gália está dividida em três partes: os belgas habitam uma delas, os aquitanos a outra, a terceira habitam aqueles que em sua língua são celtas, na nossa gauleses. O rio Garona divide os gauleses dos aquitanos” (grifo e tradução livre da autora).

¹⁰ O rio Garona divide os celtas dos aquitanos e, evidentemente, os aquitanos estão estabelecidos entre aquele rio e os montes pirineus, a partir de onde o rio tem origem e desemboca no oceano” (tradução livre da autora)

indicar a localidade onde essas mulheres viveram ou tornaram-se célebres por seus oráculos, ele acrescenta, às referências essenciais, um pequeno texto com o nome da Sibila daquele lugar e suas profecias, como no exemplo acima, em que não hesita em falar da famosa Sibila que “desempenhou um papel importante nas lendas romanas. Foi a Sibila de Cumas que, dizia-se, veio para Roma sob o reino de Tarquínio, o Soberbo, trazendo para lá nove livros de oráculos... Tarquínio comprou os três últimos e depositou-os no templo de Júpiter Capitolino... Até a época de Augusto, estes “livros sibilinos” exerceram uma grande influência sobre a religião romana.” (GRIMAL, 1969, p. 420-421).

Além da Sibila de Cumas, outras também conhecidas desfilam no texto renascentista de D. Nicolas, como a *Sibila Frigia* em *Metropolis li 5 ca 2 ta 1 asie*: “*Hic oritur nona Sibilla: sibilla frigia dicta*”¹¹; Délfica, em *Delphi , li 3 ca 15 ta 19 europe*: “*Hic nascitur tertia sibilla quae dicitur delphica*”¹²; Líbica em *Líbia cirenaica li 4 ca 4 ta 3 affrice*. “*In hac líbia orta est. Secunda sibilla. Sibilla libica & uidebunt regem viventium tenebit illum in grêmio virgo domina gentium*”¹³. De acordo com Werner (1999), Lactâncio, poeta do século IV d. C. aponta em seu livro *As Instituições divinas* dez sibilas provenientes da Antiguidade Clássica e Santo Agostinho, na *Cidade de Deus* 18,23 aceita a sibila Eritréia como uma habitante da Cidade de Deus. Apesar de serem vistas como agentes do demônio por causa da sua associação com a sexualidade e com os encantos sensuais, elas sobreviveram aos ataques da Idade Média e chegaram até o Renascimento sustentadas pela proposta humanista de retomada da sabedoria antiga. Ainda em Werner (1999):

“Para os exegetas da Igreja, essas videntes pagãs vieram a representar a premonição da fé cristã dentro do mundo pagão e, como consequência, simbolizaram a universalidade do plano da salvação”. (WERNER, 1999, p. 99)

É preciso acrescentar que, ao focalizar as suas sibilas, o nosso autor classifica-as, exatamente, na mesma ordem estabelecida por Lactâncio, como: sibila Libica – *secunda sibilla*; Délfica – *tertia sibilla*; Samia – *sexta sibilla*; Frigia – *nona sibilla*, o que denota não só o seu conhecimento sobre o assunto, mas ainda o seu conhecimento sobre a obra de Lactâncio.

Analisar detalhadamente as referências a cada uma das sibilas ou mesmo a cada um dos autores clássicos que tomam nova “vida” no texto de D. Nicolas daria origem a um verdadeiro livro sobre o assunto. Como o autor, no início dos “Apontamentos”, afirma que é sua intenção considerar neste registro a antiga situação da religião cristã, os sofrimentos porque passaram os católicos e informações sobre a vida dos santos e, em meio a estas intenções, traz de volta o mundo clássico, podemos afirmar que além da *Geographia* de Ptolomeu temos, no exemplar de 1486, mais uma produtiva fonte para os estudos renascentistas.

¹¹ “Aqui nasce a nona sibila, chamada Sibila Frigia”. (Tradução livre da autora).

¹² “Aqui nasce a terceira sibila, que é chamada Délfica”. (Tradução livre da autora).

¹³ “Nesta Líbia (a cirenaica) nasceu a segunda sibila. Sibila Líbica, e verão o rei dos vivos, uma virgem, senhora dos povos, o acalentrará no seu seio”. (Tradução livre da autora).

b) Um exemplo de variante lingüística nas traduções latinas

Conforme dissemos e dizem vários autores, o grande problema do texto da *Geographia* é a falta de uma edição crítica. Esta lacuna tem levado os estudiosos ao estudo comparativo entre as alterações textuais das várias edições, o que nem sempre é satisfatório. Nossa metodologia de trabalho, nos casos de variações, consiste no retorno ao texto grego da edição em *fac-simile*; a seguir consultamos duas outras edições: a de 1513 e a edição de 1548 (caso seja necessário), publicada em Veneza com texto em italiano.

Na referência à existência de uma página de rosto, foi apontado o primeiro caso de variante lingüística, no plano lexical: o substantivo *Geographia* substituído pelo substantivo *Cosmographia*, de acordo com o costume dos romanos, pelo autor da tradução latina, Jacopo d'Angelo. Chegando ao livro I, logo no capítulo 1, dois problemas apresentam-se aos estudiosos do texto. Além da já aludida variação de termos, há uma outra variante que importa na questão da concepção ptolomaica do termo “geografia”. Vejamos e comparemos os textos:

1. “*Cosmographia designatrix imitatio est totius cogniti orbis cum his quae fere universaliter sibi iunguntur.*” (edição de 1486)¹⁴ (vide fig. 2)
2. “*Geographia mutatio est per designationem totius orbis cum his quae fere universaliter iunguntur.*” (edição de 1513)¹⁵

No texto 1 temos um tipo de estrutura sintática à qual chamamos nominal: um verbo dito de ligação, *esse* = ser, associa ao substantivo *Cosmographia* (substituído por *Geographia*) aquilo que, mais do que um predicativo, é a própria essência da geografia, no entender de Ptolomeu: “*esse imitatio designatrix*” (ser a imitação gráfica); onde o termo *designatrix*, substantivo formado da raiz do verbo *designare* (marcar, traçar graficamente), acrescido do sufixo *-trix*, formador de nomes de agente, no feminino, ao lado do substantivo *imitatio*, funciona como um modificador, ou seja, não se trata de uma simples imitação, mas uma imitação gráfica. Já no texto 2, embora exista uma estrutura nominal, a variação é dupla: lexical – no lugar de *imitatio* encontra-se o substantivo *mutatio* (e vem logo a pergunta; é uma variante de manuscrito?) como essência da geografia, e sintática – o substantivo *designatrix* foi substituído pelo substantivo *designatio* (da mesma raiz verbal) porém usado com sentido de meio ou instrumento da *mutatio*, explicitado pelo uso da construção preposicional “*per designationem*”. Tais variantes, tanto lexicais quanto sintáticas acarretam em modificações no plano conceitual, dificultando o entendimento do pensamento ptolomaico, e, conseqüentemente, o quanto ele herdou do passado científico e o quanto deixou, desse passado, para a posteridade. Consultando a edição do texto manuscrito grego (*Prolegomena*, p. 3) encontramos a seguinte referência à tradução de Jacopo: “*Scripturam diá graphés expressit etiam Ângelus uertens: ‘Cosmographia designatrix imitatio est totius etiam orbis’, nec non editio Argentina (1517: ‘Geographia imitatio est per designationem totius cogniti orbis’. Secundum Vulgatam geographia foret*

¹⁴ “A Cosmografia é a imitação gráfica de todo o mundo conhecido com aquelas coisas que, no seu conjunto, a ele estão ligadas”. (Tradução livre da autora).

¹⁵ “A Geografia é a transposição pela representação gráfica de todo o mundo conhecido com aquelas coisas que a ele estão ligadas no seu conjunto”. (Tradução livre da autora).

ars quae uerbis imitatur terrae tabulam)”¹⁶. Ainda no mesmo texto segue a afirmativa do erudito Letronnius, publicada em Paris, no *Journal des Savants*, 1828, p. 7423: “Ptolomeu entende a palavra geografia no sentido gráfico e não descritivo. Para Ptolomeu a geografia é a arte de desenhar mapas gerais da terra.”. Entre o texto da edição de 1513 e os comentários da edição em *fac-simile* optamos pela segunda, porque o autor, na continuidade do livro I, cap. 1 discorre sobre a finalidade da geografia e o seu projeto específico: recensar os lugares e povos do mundo em pranchas cartográficas, com as localidades na posição devida, de acordo com as coordenadas de longitude e latitude que lhes são consignadas na lista que ele mesmo fornece. Finalizamos este item fazendo nossas, as palavras de Vanna Iasbez:

“Como se pode entender destas rápidas observações, os problemas interpretativos, que suscita o tratado ptolomaico, além daqueles estritamente filológicos e codicológicos, investem em campos como o científico-matemático-astronômico e o histórico-geográfico; a estratificação cronológica complica notavelmente a indagação que, diante da matéria (elenco dos topônimos e suas respectivas coordenadas geográficas), deve ser, por força da situação, pontual e circunstanciada”. (IASBEZ, s/d, p. 144).

A existência, no acervo particular da Imperatriz D. Thereza Christina Maria, de uma obra de tal nível de erudição histórico-científica como a *Geographia* de Ptolomeu que, provavelmente, veio para o Brasil com a então Princesa, corrobora as afirmativas de que o seu casamento com o Imperador do Brasil D. Pedro II, neto de D. João VI, estabeleceu um intercâmbio cultural enorme entre brasileiros e napolitanos.

Para finalizar, quero expressar meus agradecimentos a toda a equipe que vem trabalhando há tempos com a *Cosmographia* de Claudius Ptolomaeus, à Área de Cartografia da Biblioteca Nacional e, muito especialmente, aos meus alunos de Iniciação Científica (PIBIC / CNPq e PIBIC / FAPERJ) que vêm dedicando-se ativamente às pesquisas, cujos resultados foram diversas apresentações de trabalhos em Congressos Nacionais especializados. A todos o meu mais sincero agradecimento. E a você, leitor benevolente, a minha gratidão, por ter lido, até o fim, estes despreziosos comentários cuja finalidade é apenas ilustrar e despertar a atenção para tão importante obra que está às nossas mãos. A tradução inédita para o português tornará mais próximo dos especialistas este manancial de conhecimentos que integram o acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

¹⁶ “Ângelo também expressou a escrita (grega) *dia graphés* ao fazer a versão para o latim: ‘Cosmografia é a imitação gráfica de todo o mundo conhecido’, mas a edição de 1517 não: ‘A geografia é a imitação, pela grafia de todo o mundo conhecido’. Segundo a vulgata a geografia deve ser a arte que imita, com palavras, o mapa da terra”. (Tradução livre da autora).

REFERÊNCIAS

I. Fontes primárias

- CÉSAR, Guerre des Gaules. *Tome I (Livres I-IV)*. Texte établi et traduit par L.A.Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1937.
- GERMANUS, Nicolas. *Libri VIII Cosmographiae Claudii Ptolomaei Viri Alexandrini*, Ulm: Justus de Albano, 1486.
- MELA, Pomponius. *Chorographie*. Texte établi, traduit et annoté par A. Silbermann. Paris: Les Belles Lettres, 2003.
- SCOTTI, Joannis. *Claudii Ptolomei viri Alexandrini. Geographie*. Strasbourg: Georg Übelin et Jacob Essler, 1513.
- VIRGILE, Bucoliques. Texte établi et traduit par E. de Saint Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

II. Obras teóricas

- ARNAUD, Pascal et COUNILLON, Patrick. *Geographica Historica: Textes réunis par Pascal _____ et Patrick Counillon*. Institut de Recherches sur l' Antiquité et le Moyen Age, CNRS – Université Michel de Montaigne – Bordeaux III, Laboratoire d'Archéologie et de Sciences de l' Antiquité – Université de Nice Sophia – Antipolis – Bordeaux – Nice, 1998.
- AUJAC, Germaine. *Claude Ptolomé: astronome, astrologue, géographe. Connaissance et représentation du monde habité*. Paris: Éditions du CTHS, 1993.
- _____. *La géographie dans le monde antique*. Paris: P.U.F. (Que Sais-je, n° 1598), 1975.
- BAGROW, Leo. *History of cartography*. London: C.A. Watts, 1964.
- DREYER-EIMBCKE, Oswald. *O Descobrimento da Terra: História e Histórias da aventura cartográfica*. Tradução de Alfred Josef Keller. S. Paulo: EDUSP/Melhoramentos, 1996.
- IASBEZ, Vanna Vedalvi. La Venetia orientale nella *Geographia Tolomaica*. In: *Geographica Historica*.
- JACOB, Christian. *L'empire des cartes: approche théorique de la cartographie à travers l'histoire*. Paris: Albin Michel, 1992.
- _____. *Géographie et ethographie en Grèce ancienne*. Paris: Armand Colin, 1989.
- LIBRARY OF CONGRESS. *A list to geographical atlas in the Library of Congress: with bibliographical notes*. v. 1-2. Washington D.C.: a Biblioteca, 1909.
- SÉWASTIANOFF, M. Pierre. *Géographie de Ptolomé: reproduction photolithographe du manuscrit Grec, du Monastère de Vatopedi ai Mont Athos, precede d'une (ilegível) historique sur le Mont Athos pas Victor Langlois*. Paris: Lib. de Firmin Didot, Frères,Fils et Cie, 1867.
- TOOLEY, R.V. *Maps and map-makers*. London: Batsford, 1949.
- TROWER, Norman J.W. *Maps & civilization: cartography and society*. Chicago; London: The University of Chicago, 1996.

III. Obra de apoio

WERNER, Marina. *Da fera à loira. Sobre conto de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

IV. Dicionários

BALLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1963.

FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino Português*. Rio de Janeiro: MEC, 1988.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire Illustré Latin-Français*. Paris: Hachette, 1940.

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: P.U.F, 1969.

OLIVEIRA, Céurio de. *Dicionário cartográfico*, 3ª edição, Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

FIGURAS

Figura 1: Cosmografia de Cláudio Ptolomeu

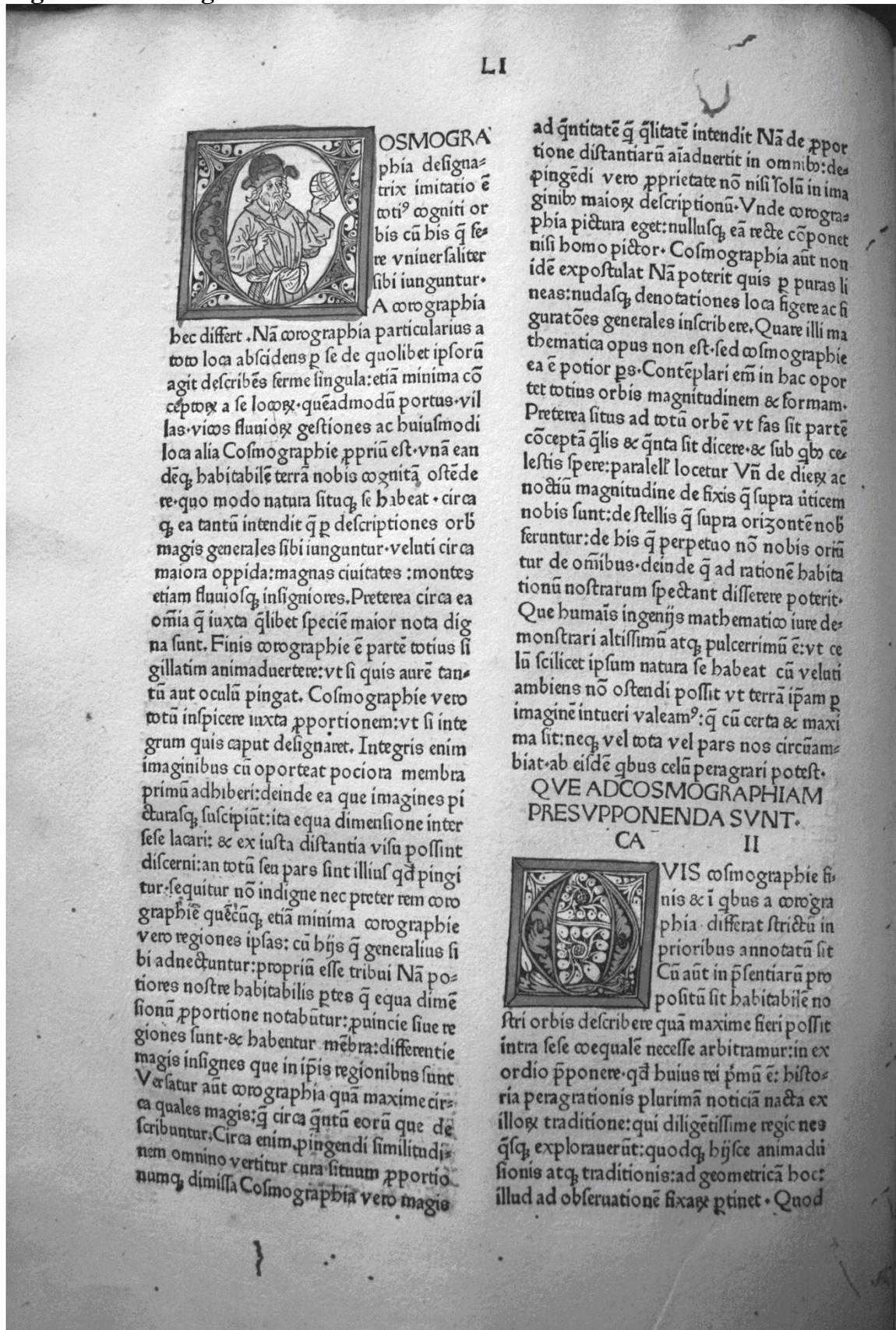
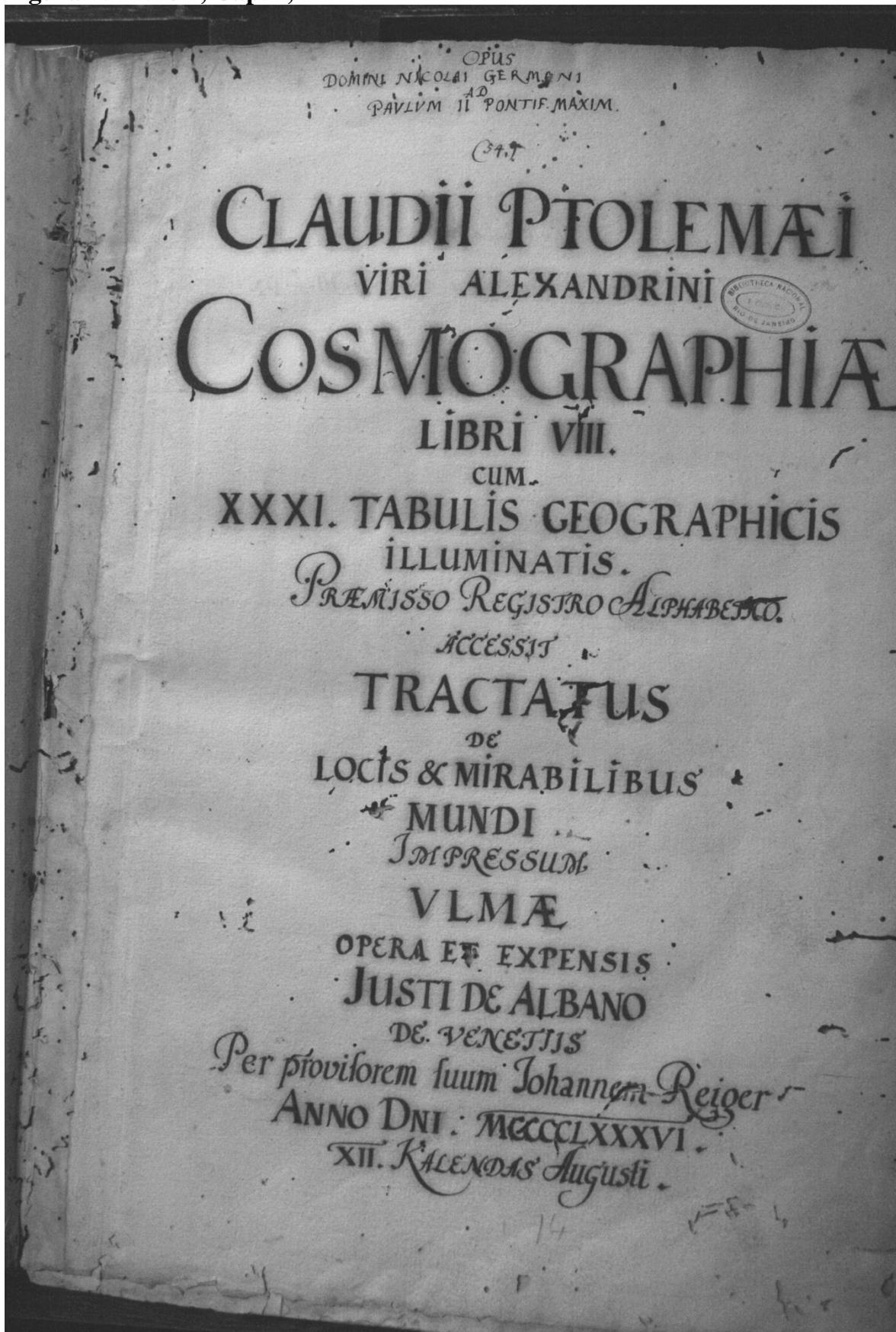


Figura 2: Livro 1, Cap. 1, 1-2



[Recebido em 31/05/2009
e aceito para publicação em 27/09/2009]